

## LEITURA DE UMA FÁBULA ESCRITA EM GALEGO

Joselice Macedo de Barreiro\*

**RESUMO:** *Este trabalho é parte do projeto individual “Uma leitura comparativa de fábulas”, inserida na linha de pesquisa do Núcleo de Estudos de Análise do Discurso, Linguagem e Sociedade. Pretende esta pesquisa analisar duas fábulas escritas em galego “O monte que pariu” e “O cão nadando” que, curiosamente, fazem parte do Extrato de Fábulas, um dos componentes da 1ª Gramática galego-castellana de Francisco Miras, em 1864. A seleção das fábulas constantes deste Extrato obedeceu aos seguintes critérios: ser uma fábula curta, ter como personagens, em uma, um elemento da natureza, em outra, um animal, tomando como versão básica Fedro, fabulista romano. Para a análise das fábulas, foram aplicados alguns pressupostos teóricos da Escola francesa da Análise do Discurso, a proposta da heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz e a polifônica de Ducrot, no intuito de verificar modificações, transformações introduzidas no “texto básico” de Fedro, através de um espaço de tempo bastante amplo (século I d.C ao século XIX). Espera-se que o projeto em sua íntegra: “Uma leitura comparativa de fábulas” do qual este trabalho é uma de suas vertentes possa ajudar a professores em sua prática de ensino nos dois graus de ensino, ao fazerem uma leitura interativa com seus alunos, mudando seu comportamento ao trabalharem com fábulas.*

**Palavras-chave:** Fábula; Análise de Discurso; Língua galega

### INTRODUÇÃO

Este trabalho que focaliza duas fábulas escritas em galego é parte do projeto individual “Uma leitura comparativa de fábulas” que vimos desenvolvendo no NEAD (Núcleo de Estudos de Análise do Discurso), inserido na linha de pesquisa Linguagem e Sociedade.

É bastante comum no ensino fundamental e mesmo no médio a leitura e interpretação de fábulas concebidas como histórias que têm como personagens animais que se comportam como seres humanos, protagonizando seus defeitos, seus comportamentos, às vezes não muito desejáveis, começando ou terminando por um ensinamento moral. Uma sondagem feita entre professores de português dos dois graus de ensino, fez-nos constatar que eles, em sua maioria, ignoram não só a origem das fábulas, como, muitas vezes, que sentidos atribuir a elas, como são estruturadas, suas funções, etc. Por isso, com nosso projeto poderemos, talvez, contribuir para uma mudança de comportamento de professores em sala de aula, em relação a este tipo de narrativa.

Pretendemos, nesta pesquisa, identificar transformações, modificações sofridas pela fábula “clássica”, a de Fedro, naquelas que são imitadas ou recriadas no século XIX, inseridas na 1ª Gramática galega de Francisco Miras que não as escreveu em castelhano, mas em língua galega. Para este trabalho recorreremos a uma base teórica constituída por alguns pressupostos teóricos da Escola francesa de Análise de Discursos, por proposta da heterogeneidade discursiva de J. Authier Revuz e da teoria polifônica de Ducrot. Um aspecto importante para nossa análise é o de gênero do discurso e sua tipologia. Alguns autores empregam indiferentemente os dois termos, mas a tendência dominante é a de distingui-los. Na interação verbal, a adoção de um gênero de discurso depende da especificidade da troca verbal. Diante da variedade de critérios

---

\* Doutora em Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal e Coordenadora do Núcleo de Estudos de Análise do Discurso – NEAD. [jobarreiro@terra.com.br](mailto:jobarreiro@terra.com.br).

adotados para sua classificação, Bronckart (1985) isola quatro arquétipos discursivos entre os quais está a narrativa (Maingueneau 1998, p. 145). Embora cada gênero seja identificado por suas características específicas, não têm uma forma definitiva, fixa. Ele pode modificar-se pressionado por forças de caráter social e cultural. Onde, então, integrar as fábulas? No Prólogo ao Livro I da obra de Fedro, lê-se: “Duplex libelli dos est: quod risum movet / Et quod prudenti vitam consilio Monet”, isto é, “Este livrinho tem um duplo mérito, ele faz rir e dá sábios conselhos para a orientação na vida”. A partir de seu caráter didático de aconselhar, poderíamos propor que elas sejam um tipo de discurso didático dentro do gênero narrativo.

## AS FÁBULAS

Lembramos que o gênero fabulístico apresentava na sua forma e na sua temática inúmeros traços populares que o tipificavam como gênero menor, como antítese dos gêneros literários, a épica e a poesia. Os versos das fábulas, seus personagens (animais ou pessoas comuns, elementos da natureza), sua ambientação em mercados, festas populares as marcaram especificamente. Sua realidade é a dureza da vida e os vícios humanos. Este tipo de temática interessou principalmente a uma classe social que não poderia integrar-se nem refletir nos outros dois gêneros literários, classe representada pelo povo inculto e pobre e os escravos. As fábulas são muito antigas. Têm cerca de 2700 anos de existência, passando pela memória do imaginário oral à escrita e com diferentes autores, em contextos sócio-históricos, culturais e ideológicos variados, o que, como consequência, a elas acrescentou muitas vezes novos elementos. Embora as fábulas tenham sido uma produção comum a toda a Grécia, ela é considerada originária da Ásia Menor. Em sua tradição multissecular, as fábulas transmitiram-se ao mundo ocidental com muitas variantes e adaptações, devidas, talvez, ao caráter, na maioria das vezes, oral de sua transmissão. Historicamente, a fábula firma-se na Grécia com Esopo, figura polêmica e lendária. Em Roma, com Fedro, escravo grego alforriado por Augusto. A tradição aponta Esopo como o criador da fábula escrita. Seu primeiro continuador, Fedro, a quem são atribuídos 5 livros de fábulas que ele próprio denominou de *Fabellae Aesopiae*, quer dizer, Fábulas ao estilo de Esopo. Fedro transferiu para o contexto sócio-histórico romano fábulas imitadas de Esopo, cuja imitação ele mesmo confessa no Prólogo ao seu Livro I. “*Aesopus auctor quam materiam reperit / Hanc ego polii versibus senariis*”. (Os temas que Esopo primeiramente inventou / eu os poli com versos senários).

Entre Fedro, nosso ponto de partida de análise e Mirás há uma grande distância no tempo e no espaço, nos contextos sócio-históricos também bastante diversificados. Tradicionalmente admite-se que Fedro nasceu entre os anos 20-15 a.C, desconhecem-se dados precisos sobre sua vida. Mirás viveu no século XIX. Entretanto alguma coisa os une: a memória, [...] “não no sentido diretamente psicologista da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador”. (Michel Pêcheux, 1999, p. 50). A memória discursiva do imaginário popular foi transmitida sob a forma de fábulas, através dos séculos, ao discurso fabular de Mirás. No período compreendido entre esses dois autores, destacam-se inúmeros fabulistas, dentre os quais podemos citar, na França, La Fontaine (século XVII), Florian (século XVIII), etc.

## FÁBULAS EM GALEGO

Você sabia que existem fábulas escritas em galego? Tem alguma informação sobre esta língua? Vejamos alguns dados. Ao que se sabe, Francisco Mirás (1864) foi o único que escreveu, no século XIX, em galego, uma gramática galego-castelhana da língua oral, na qual foram inseridas fábulas, sem a preocupação purista que caracteriza, ainda hoje, as gramáticas tradicionais. No reino de Galícia, na região mais ou menos ocupada pela Galícia atual, dos séculos XIII ao XV, a língua normal da poesia e da comunicação oral foi a língua galega. Por razões políticas, históricas e ideológicas, esta foi proibida de ser falada e escrita durante 3 (três séculos), os chamados “siglos oscuros”, do XV ao XVIII. O uso da língua ficou limitado à zona rural, sob a forma oral. O galego passou então por processo de anormalização lingüística em que o idioma na comunicação oral e escrita foi obrigatoriamente o castelhano, considerada por muitos como a língua de prestígio.

Para este trabalho selecionamos duas fábulas de Fedro, presentes no “Extrato de fábulas” presente na gramática acima citada. A seleção obedeceu aos seguintes critérios: que elas fossem curtas, que os personagens fossem, em uma, um elemento da natureza (O monte parindo) e na outra, um animal (Un can nadando).

## ANÁLISE

Mons parturibat, gemitus immanes ciens, / Eratque in terris máxima  
expectatio. / At ille murem peperit. Hoc scriptum est tibi / Magna quum  
minaris extricas nihil.  
(PHÈDRE, s.d., Livre IV,21)

Em vez de traduzir o texto latino para o português, apresentamo-lo em galego moderno, uma vez que o texto de Mirás está em galego do século XIX, o que possibilita comparar a forma escrita em dois períodos diferentes da língua.

Um monte estaba de parto, en médio de grandes berros e unha  
expectación grandísima habia na terra. Mais el pariu un rato.  
Isto escribiuse para ti que, prometendo grandes cousas, non cumpres  
nada.  
(CARBALLUDE X.B.(et alii), 1988, Livro IV, 24)

Esta fábula, *Mons parturiens* é uma criação de Fedro, mas já é conhecida de Horácio (Ars 139). Por isso deve ser um modelo antioraciano. B. E. Perry sustenta que ela deriva de um provérbio citado por muitos: “Magna cum minaris, extricas nihil (Mañas, 1998, p. 136). Ou será a fábula que deu origem ao provérbio?

## Contexto sócio-histórico e cultural

Na época em que viveu Fedro, do período do imperador Augusto a Calígula, com lutas pelo poder, com frequentes denúncias, foram divulgados em Roma e recebidos com entusiasmo pelo povo romano, os princípios de um grupo filosófico grego, o dos cínicos (Mañas, 1998, p.47) que eram contrários às convenções da cultura, admitindo como valores fundamentais a liberdade de ação (parresía), a liberdade de palavra (anaídeia), a virtude individual (aretê), a indeferência



(adiaphoría), o esforço (pónos) e a austeridade, descartando todo tipo de prazeres. É preciso assinalar que não se trata, “stricto sensu” de uma escola filosófica. Os cínicos são um grupo de rebeldes de uma época de crises, pregam a liberdade radical do indivíduo, que só deve submeter-se às leis da natureza. Fedro desenvolve os temas cínicos tradicionais e dá a eles um destaque porque sua intenção é a de ressuscitar o gênero fabulístico como meio popular contra as classes dominantes, os abusos e vícios de todo tipo. É a voz do protesto impotente dos fracos. Esta fábula enquadra-se na posição cínica da crítica da cobiça que, numa perspectiva moralizante, encontra seu castigo.

Analisando a estrutura da fábula *Mons parturiens*, ela é bem simples, mantendo a da fábula “clássica”. Inicia-se com uma narrativa concisa, objetiva, terminando com o epímio (conselho moral). O discurso fabular quase nunca é homogêneo. Segundo Authier-Revuz (1998), a heterogeneidade da linguagem pode ser refletida em dois planos, o da mostrada e o da constitutiva. Esta, a constitutiva, não é marcada na superfície discursiva, enquanto a mostrada, sim. Authier-Revuz assumiu sua postura teórica como consequência da articulação entre as concepções de Bakhtin, Pêcheux e Lacan. Dos três tipos da heterogeneidade (discurso relatado direto, indireto e indireto livre) identifica-se nesta fábula o discurso relatado indireto, no qual o locutor usa suas próprias palavras para traduzir as palavras de um outro. Ao fazer a releitura do *Mons parturiens*, identificam-se “vozes”, isto é, o discurso está tecido pelo discurso de “outro”, fenômeno denominado por Bakhtin de “polifonia”, conceito aplicado à literatura. O conceito de polifonia foi retomado pelo semanticista francês Ducrot (1987) que situou suas pesquisas no âmbito da pragmática semântica, assim denominada por ele. Ao tratar da polifonia ele se refere à qualidade de todo o discurso estar tecido pelo discurso de outro, por estar a fala atravessada pela fala de outro (Brandão, 1995, p. 91). Ducrot desenvolve sua teoria em volta do “locutor, enunciador, falante”. O locutor seria o ser apresentado como responsável pelo seu dizer, mas que não é um. É aquele que é tido como fonte do discurso. No caso da fábula sob análise, o locutor seria o narrador da fábula. Ele pode ser diferente do falante efetivo. Mas quando há marcas da 1ª pessoa, podemos falar de um locutor pessoal. Temos então o “locutor enquanto tal” (abreviadamente L) e o locutor enquanto ser do mundo (abreviadamente Lp). Mas podem surgir vozes que não sejam as de um locutor, representadas pela categoria enunciador / destinatário. O enunciador (abreviadamente E) representa a pessoa sob cujo ponto de vista os acontecimentos são apresentados. Voltando à fábula, nela identificamos uma voz genérica, do imaginário popular, da memória discursiva, enfim, da interdiscursividade representada pelo enunciador genérico (abreviadamente E<sub>g</sub>), uma voz coletiva da qual o L (o narrador) é o porta-voz. Um E representado por “hoc scriptum est”, isto é, “isto”, a fábula, “foi escrito”. Identifica-se ainda a presença do enunciatário “tibi”, tu.

### A gramática galego-castelana

A publicação desta Gramática da autoria de Francisco Mirás, em 1864, um ano após a publicação dos *Cantares Gallegos* de Rosalia de Castro (1863), constituiu um marco na história da cultura e da língua galegas. Nesse período, iniciou-se o movimento galeguista de revalorização cultural e lingüística de Galícia, o chamado ‘Rexurdimento’. A gramática tem um título longuíssimo: *Compendio de gramática gallega-castellana, con un vocabulário de nombre y verbos gallegos y su correspondência castellana, precedido de unos diálogos sobre diferentes matérias. Un grandioso poema de 100 octavas, titulado la Creación y Redención. Un extrato de fábulas de los mejores fabulistas asi como algunas del autor.*

Chama-nos a atenção nesta Gramática o fato de que tudo indica que ela foi elaborada a partir dos dados coletados, o que coloca Mirás entre os precursores das gramáticas estruturalistas



do século XX, feitas a partir de dados da fala. Na Gramática focalizaremos apenas o “Extrato de fábulas” que nela vem inserido. Este Extrato consta de onze textos de Fedro, um de Iriarte (fabulista galego que escreveu em espanhol) de Quevedo, de F. Moratin, de Samaniego (também fabulista galego que escreveu fábulas em castelhano) e onze composições apresentadas sob a epígrafe “Do autor”. O contexto sócio-histórico-cultural e ideológico em que vivia Galícia, resumido acima, é possível que o tenha levado a escrever as fábulas em galego, em vez de castelhano, (como o fizeram seus conterrâneos Samaniego e Iriarte), Não podemos também deixar de levar em consideração seu amor pelo galego rural, sob a forma oral. Por problemas de espaço e de tempo, limitar-nos-emos a focalizar a versão de duas fábulas de Fedro. Destas, Mirás faz uma seleção, versificando-as, assimilando a idéia essencial da fábula latina, acrescentando, às vezes, um conselho moral inexistente no texto latino. Leiamos a versão Mirás:

Os que prometen moito / e sin nada faser / escoiten este conto / que lles vou a  
poñer./ Estando un día un monte / Con jrande retorser, / dando us fortes berros /  
sin saber que faser, / todo o mundo estaba / mirando para él; / cando todos viron  
/ cun jran rato pareu: / chamaredeslles bouba; / pro eu fajovos ver / que quen  
esto dixó, / minteuvos como eu.  
(MIRÁS, 1864, p.112)

Tradução da fábula para o galego moderno: *O monte que estaba de parto*

Un monte estaba de parto, en médio de grandes berros e unha  
expectación grandísima habia na terra. Mas el pariu un rato  
Isto escribiuse para ti que, prometendo grandes cousas, non cumpres  
nada.  
(CARBALLUDE X.B. et alii, 1988, p. 136)

Segundo Carballo Callero (1981, p. 99), ao pensar no galego do “Extrato de fábulas”, imaginamos um fabulário bem “labriego (típico do camponês), mas “enxebre” ( de boa qualidade). Em geral, as duas partes da fábula (moral e narrativa) são separadas por parágrafos, o que não foi respeitado por Mirás. Para facilitar a compreensão do galego do século XIX, fazemos algumas observações sobre itens lexicais, como: “poñer” em vez de “por”; “bouba” que significa “golpe” está empregado metaforicamente como “choque, mentira”; “pro” é forma sincopada de “pero”. Um exemplo da característica desta fala rural está no aparecimento nas amostras coletadas de fenômenos lingüísticos como, a “geada” manifestada na escrita nos seguintes exemplos “jrande, jran, fajovos” Outro fenômeno é o “seseo”, encontrado em “faser, retorser”, condenados pelos gramáticos “puristas” e pelos adeptos do galego standard.

Comparando a estrutura das duas versões (a latina e a galega de Mirás), observa-se logo que este coloca o epimítio de Fedro, como promítio “Os que prometen moito sin nada faser” Como o fizemos na análise da “versão básica” latina, propomos um LG que é a voz coletiva da qual o L é o porta voz do interdiscurso ou memória discursiva. Segue-se a narrativa da fábula. Existe outra alteração estrutural, a partir do verso 13 “Chamaredeslles bouba” e os versos subseqüentes que acrescentam um comentário à narrativa, o que não existe na “versão” latina. Para compreendê-la mais facilmente, recorreremos a H. Weinrich, lingüista alemão que considera os tempos verbais como elementos importantes para distinguir entre dois tipos de atitude comunicativa, o mundo comentado e o mundo narrado (Ingedore Koch, 1998, p. 52). Com base na sua teoria, Weinrich explica também o discurso relatado. Assim o discurso direto pertence, segundo ele, ao mundo comentado. São tempos do mundo comentado o presente, o futuro do





presente, o pretérito perfeito. “Pro eu fajovos ver” seria um exemplo. São tempos do mundo narrado o perfeito, o mais que perfeito, o futuro do pretérito e todas as locuções em que entram estes tempos. No texto de Mirás, nos versos acima citados, o LP faz o comentário de que o Enunciatório (interlocutor, uos) poderia considerar o que foi narrado como uma “mentira”. O LP faz este comentário usando o futuro presente do mundo comentado; (chamaredeslles bouba) e completa seu comentário fazendo-se presente (eu). Em “pro eu fajovos ver”; “fajovos ver” é sinônimo de “convencer”, inicia um discurso direto. Um E<sub>1</sub> é convocado: “quen” esto dixo; e a que se refere “esto”? De acordo com nossa leitura, o “esto” refere-se narrativa fabular que provocou o comentário manifestado no futuro do presente. Na narrativa em pauta, identifica-se o discurso relatado indireto no qual um L, tido como fonte do discurso é o narrador da fábula. Em seguida, ele se apresenta como LP “que lles vou a poñer” (eu vou). Poderíamos falar de um E<sub>g</sub> (Os que), pois eles representam as pessoas sob cujo ponto de vista os acontecimentos são apresentados. É possível pressupor-se um Enunciatório (uos). O LP manifesta-se novamente no verso 14, “pro eu fajovos ver”. Chamo a atenção agora para o último verso “minteuvos como eu”. Neste verso há uma identificação do “eu” final LP com o E<sub>g</sub>: “eu” menti-vos “ele” mentiu-vos.

Relendo os versos 12 a 16, isto é, aqueles em que está o comentário feito pelo LP sobre a fabula, atribuímos a eles um sentido que nos leva a identificar aí uma ironia. Como explicá-la? É novamente a Ducrot (1987, p. 98) que recorreremos. Ele formula, através da distinção entre locutor e enunciativos. Falar de modo irônico é para um “L” apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Mas o “L” não assume a responsabilidade, mais que isso, ele a considera absurda. O “E” é que é a origem do ponto de vista expresso pela enunciação. (Chamaredeslles bouba) é um “L x E”: “a ver / que quen esto dixo / minteuvos como eu”. Esta afirmação inesperada pode provocar no leitor (interlocutor) o riso, portanto, pela construção irônica.

*Un can nadando*: como fizemos com a fábula anterior, iniciaremos nossa análise com o texto de Fedro

Amittit mérito proprium qui alienum appetit / Canis per flumen dum ferret,  
natans / lympharum in speculo vidit simulacrum suum / aliamque praedam iam  
ab alio ferri putans, / eripere uoluit; uerum decepta audivit / et quem tenebat  
ore dimisit cibum, / nec, quem petebat ore dimisit cibum, / nec, quem petebat,  
adeo potuit attingere.”  
( PHÈDRE, s.d., 7)

Tradução para o galego moderno: *O can que atravesaba o rio cun anaco de carne*

Perde xustamente o seu aquel que cobiza o alleo / Un can, mentres nadaba por  
un río levando un anaco de carne viu a sua imaxe no espello das augas;  
coidando que outro levaba outra tallada, quixolla quitar; mais a sua cobiza  
enganouno e soltou a comida que tiña na boca e por riba non puído acada-la que  
arelaba.

(CARBALLUDE et alii, 1988, p.33)

Vejamos agora se vamos encontrar transformações, modificações no “Extrato de fábulas”, em relação à fábula *Un can nadando*:

Aquel que é codisioso / o fin chega a pajalo, / e si non me creedes /  
podedes escoitarme. / Iba un can un a ves / cun anaco de carne / nadando



pólo rio, / e vendo a sua cara / pensou que outro can / tamen carne levaba, / ! oi que jrande panarra” / deixou caer a sua / aló dentro da auja, / perdendo asi aquela / póla que dejoxaba; / ben emprejado estubo / comera e marchara.

( MIRÁS, 1864, p.95)

Chamo a atenção para o item lexical “pajalos” (pagar). Ele está usado metaforicamente, no sentido de satisfazer uma dívida moral, com o castigo correspondente.

Se estabelecermos uma intertextualidade entre a versão fedriana e a de Mirás, verificamos que, em ambas, o discurso relatado é indireto; Mirás mantém o conselho moral como promítio; “Aquel que é codicioso / o fin chega a pagalo” Ao convocar o enunciatário, ele usa um tipo de implícito, os subentendidos que “são inferências tiradas dos contextos pelo co-enunciador, com a ajuda de um raciocínio mais ou menos espontâneo, que se apóiam em princípios que regem a atividade lingüística” (Maingueneau, 1998, p. 131). O “L<sub>p</sub>” sabe que seu interlocutor é descrente da realidade das fábulas, não acreditando nelas, daí ele dizer “e si no me creedes”, podeis pelo menos escutar-me. Nestes dois versos verificamos a passagem do discurso indireto para o direto, pela presença do verbo “creedes”. A narrativa estende-se do verso 5 a 15, mas ela é interrompida pela frase exclamativa: “oi que jrande panarra”, (idiotice), surgida de repente. O próprio “L” comunica uma qualificação de sua enunciação (que jrande panarra), corroborando o subentendido levantado no verso 3. Termina a fábula com 2 versos que reiteram o conselho moral “comera” (em imaginação) e ela (a carne) se fora (marchara). Esta seria uma possível leitura daqueles textos.

## CONCLUSÃO

Espero que, com a análise das fábulas selecionadas para este trabalho, tenha conseguido demonstrar vantagens para a atribuição de sentido(s) ao discurso fabular, ao aplicar alguns princípios teóricos da Análise do Discurso da linha francesa, saindo, assim, do conceito tradicional de interpretação de textos, possibilitando leituras diferentes ao texto. Ao mesmo tempo, embora as fábulas tenham atravessado tantos séculos, no caso em pauta, do século I d.C ao século XIX, sofreram modificações, transformações ligadas às Condições de Produção, mantendo aspectos positivos na sua aplicação à educação. Neste aspecto, talvez a visão dos professores dos dois graus de ensino em relação à fábula se modifique, favorecendo a prática da leitura, numa ótica interacionista.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BRANDÃO, Helena H. **Introdução à análise do discurso**. 4 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

CARBALLO CALLERO R. **História da literatura galega contemporânea, 1808-1936**. 3 ed. Vigo: Galáxia, 1981.

CARBALLUDE, X.B. (et alii) **Fedro, Fábulas**. Santiago de Compostela: Xunta de Galícia, 1988.

DUCROT, Oswald, **O dizer e o dito**. Revisão técnica da trad. Eduardo Guimarães, Campinas, São Paulo:Pontes, 1987.

KOCH, Ingedore V. **A inter-ação pela linguagem**. 4 ed. São Paulo:1998.

LEVASSEUR, Chenu (tradutor), **Fables de Phèdre**, nouvelle édition, précédée d'une étude sur Phèdre par Charpentier. PARIS: Garnier Frères, Libraires-Editeurs, s.d.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Trad. Márcio V. Barbosa et alii, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Ceculia P. de Souza e Décio Rocha, São Paulo: 2001.

MAÑAS, M. Nuñez. **Fábulas de Fedro / Aviano**. Madrid: Akal/ Clássica, 1998.

MIRÁS, Francisco. **Compendio de Gramática Gallega-Castellana**, Santiago: Estabelecimento tipográfico de Manuel Mirás, 1864.

PÊCHEUX, M. "Papel da memória". In Pierre Achard [et alii], tradução e introdução de José Horta Nunes. **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

ZAPATA A. Ferrer (tradutor) **Fábulas de Fedro**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.